



FACULDADE DE ILHÉUS



CESUPI

COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA

COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA

MONOGRAFIA

**O IMPACTO DO USO ABUSIVO DO CRACK NA ADOLESCÊNCIA E
AS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES AFETIVAS**

Ilhéus, Bahia

2019



FACULDADE DE ILHÉUS



CESUPI

**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

MARILIA MARQUES DE OLIVEIRA

**O IMPACTO DO USO ABUSIVO DO CRACK NA ADOLESCÊNCIA E
AS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES AFETIVAS**

Monografia (Artigo Científico) entregue para acompanhamento como parte integrante das atividades de TCC II do curso de psicologia da Faculdade de Ilhéus.

Ilhéus, Bahia

2019

COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA

LAUDA DE APROVAÇÃO

Este **PROJETO DE PESQUISA** elaborado para disciplina Monografia do curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus, pela acadêmica Marilia Marques de Oliveira, foi por mim Alba Mendonça acompanhado, como professor-orientador, sendo considerado aprovado para ser aplicado.

Professor-orientador

O IMPACTO DO USO ABUSIVO DO CRACK NA ADOLESCÊNCIA E AS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES AFETIVAS

MARÍLIA MARQUES DE OLIVEIRA

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Alba Mendonca Alves – Mestre

Faculdade de Ilhéus - CESUPI

(Orientador)

Prof. Dayane Mangabeira Santana - Especialista

Faculdade de Ilhéus - CESUPI

(Avaliador I)

Prof. Laysa Rodrigues Viana – Especialista

Faculdade de Ilhéus – CESUPI

(Avaliador II)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que habita em nosso interior e que nos impulsiona para vida.

Agradeço ao meu marido e meu filho pelo apoio e paciência, principalmente nessa etapa da minha vida.

Agradeço à Professora Alba, pois sem toda a sua orientação eu estaria perdida. Não há palavras para descrever o quanto a sua ajuda foi útil e preciosa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 O crack e a relação de dependência na adolescência.....	10
2.2 A construção da identidade de adolescentes adictos.....	14
2.3 Impacto das drogas entre pais e filho.....	18
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	25

O IMPACTO DO USO ABUSIVO DO CRACK NA ADOLESCÊNCIA E AS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES AFETIVAS

THE IMPACT OF CRACK ABUSE ON ADOLESCENCE AND THE CONSEQUENCES ON AFFECTIVE RELATIONSHIPS

Marília Marques de Oliveira¹; Alba Mendonça Alves²

¹Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus – CESUPI, Ilhéus, Bahia.

²Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus – CESUPI, Ilhéus, Bahia.

RESUMO

O artigo apresenta um estudo acerca da influência do uso do crack na adolescência e suas consequências, com o objetivo de analisar o comportamento nas relações afetivas entre pais e seus filhos usuários de droga. Compreendendo o impacto do uso abusivo no indivíduo e os seus prejuízos causados pela dependência química, avaliando assim, as experiências vividas nas rotinas familiares referentes aos sentimentos, a educação para independência e para o conhecimento dos limites impostos para convivência em sociedade. O estudo possibilitou concluir que o consumo abusivo do crack na adolescência causa desestruturação familiar, refletindo na perda de confiança e quebra de vínculos familiares, pois a manutenção desses relacionamentos torna-se difícil na medida em que o usuário substitui a convivência em sociedade pelo relacionamento com o consumo do crack.

Palavras-chave: Adolescência, dependência química, psicologia sistêmica.

ABSTRACT

The article presents a study on the influence of crack use in adolescence and its consequences, in order to analyze or behave in the affective relationships between countries and their drug users. Understanding or impact of non-individual abuse and prejudice caused by chemical dependency, assimilating, the experiences experienced by family rotations regarding feelings, education for independence and by or two limits imposed on living in society. Or it was possible to conclude that either the abusive consumption of crack in adolescence causes family disturbance, reflecting the loss of confidence and the breaking of family ties, because it is difficult to maintain, as it becomes a user who substitutes or coexists in a social relationship. I eat crack.

Keyword: Adolescence, chemical dependency, systemic psychology.

INTRODUÇÃO

O uso abusivo de substâncias psicoativas é um problema de saúde pública e está englobado mundialmente, pois há uma ampla magnitude com diversas questões envolvidas. Neste aspecto, os principais fatores de risco são as questões culturais, psicológicas, biológicas e as relações interpessoais. O consumo abusivo de drogas ou dependência química tem se tornado um grande desafio para a sociedade, tanto pelas consequências individuais quanto coletivas, afetando de maneira direta e indireta o bem estar e a qualidade de vida das pessoas (HENRIQUES; ROCHA; REINALDO, 2016).

Uma das drogas cujo o consumo tem crescido mundialmente nos últimos anos, em especial no Brasil, é a cocaína fumada, conhecida como crack, que provoca de maneira rápida e intensa a dependência química. O crack é um composto de mistura de pasta base de cocaína com água e bicarbonato de sódio que aquecida dá origem a cristais conhecidos como pedras de crack. Ao ser fumada atua no sistema nervoso central e provoca efeitos estimulantes em aproximadamente quinze segundos, permanecendo o indivíduo por cerca de cinco minutos neste estado de êxtase (MEDEIROS, 2016). Além de ser uma substância de alto potencial de dependência química, causa efeitos devastadores na vida do indivíduo, não só no aspecto físico, mas também no aspecto socioeconômico e psicológico.

Sendo assim, a hipótese que norteou este estudo foi o impacto que o crack causa na desestruturação familiar, pois viver em um ambiente assombrado pela droga desencadeia a probabilidade de afetar outros indivíduos do convívio diário de relacionamento a consumirem a droga ilícita também. Portanto, as consequências do uso abusivo de drogas refletem na perda de confiança e quebra de vínculos familiares, sendo que a manutenção dos relacionamentos conjugais e parentais tornam-se cada vez mais difícil na medida em que o usuário tem a tendência de substituir o relacionamento em sociedade pelo relacionamento com a droga.

Sendo assim, esta pesquisa contribuiu para apresentar como o uso abusivo do crack pode ser um fator de conflito e perda nas relações interpessoais com ênfase na família, sendo que através dela as famílias que enfrentam essa situação podem aprender como minimizar este problema agindo da melhor forma possível nas tomadas de decisões. Portanto, este estudo justifica-se porque visa apresentar

uma resposta de como o crack na adolescência pode afetar as relações entre cuidadores e filhos, afinal seu consumo resulta em consequências devastadoras para o sujeito, sobretudo a saúde e ao convívio com outras pessoas. Pois é sabido que a sociedade moderna enfrenta diversos tipos de problemas sociais que podem variar de acordo com uma série de fatores como: condição financeira, local de convívio social, educação recebida em casa, entre outros. Para além disso, há ainda, como consequência desse estudo, uma contribuição de nível acadêmico, pois ele também possibilita gerar discussão sobre as drogas e suas consequências.

Tendo em vista o aumento do consumo de crack e os prejuízos causados pela dependência química em tantas esferas biopsicossociais, objetivou-se neste trabalho acadêmico o enfoque em analisar o comportamento de filhos usuários de crack, nas relações afetivas, entre seus pais. Portanto, compreender os impactos do uso abusivo no indivíduo; avaliar as consequências nas relações familiares entre pais e filhos; e verificar como o consumo de drogas reflete nos vínculos das relações parentais foram os objetivos específicos propostos para desenvolver esta pesquisa e alcançar com afincos seu objetivo principal.

As experiências vividas nas rotinas familiares referentes aos sentimentos, a educação para independência e para o conhecimento dos limites, as vivências de autonomia e de responsabilidade, podem compor importantes fatores na proteção dos jovens, quanto à maneira de se conectar com as ofertas químicas de prazer, liberdade e satisfação. Da realidade de liberdade e autonomia que os adolescentes buscam nessa fase de suas vidas e o impasse dos pais em conceder ou reprimir essa liberdade, originou-se a pergunta-problema desta pesquisa: Como o consumo do crack na adolescência interfere nas relações entre pais e filhos?

Para responder-la adotou-se procedimentos metodológicos na tentativa de diagnosticar os impactos do uso abusivo da droga crack na adolescência de modo que essa pesquisa foi construída sob a análise das consequências que o uso do crack ocasiona nas relações afetivas, em especial entre pais e filhos. Quanto a forma de abordagem da pesquisa foi utilizada a revisão qualitativa bibliográfica, sendo baseada nos materiais disponíveis ao público em geral como livros, material em meio eletrônico, dissertações, teses, periódicos e artigos científicos. Conforme Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é organizada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livro, revista, jornais, teses, dissertações e canais de eventos científicos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O crack e a relação de dependência na adolescência

Pesquisas arqueológicas revelam que a humanidade já fazia o uso de drogas psicoativas em épocas pré-históricas. Confirmando essa ideia, estudos antropológicos mostram que populações nativas de várias regiões do mundo fermentam cereais para produzir bebidas alcoólicas. Por exemplo, os índios que habitam as vizinhanças do rio Xingu, no Sul da Amazônia fermentam extrato da mandioca para produzir uma bebida alcoólica chamada caxiri (GUILHERME; SILVEIRA, 2012).

Pode-se dizer que algumas atitudes relacionadas às drogas variaram com a época. A cocaína, por exemplo, foi introduzida na Europa em meados do século passado como tonificante, compondo a fórmula de vários medicamentos, inclusive do célebre Vin Mariani, que era fornecido, inclusive ao Vaticano. Nos Estados Unidos, o refrigerante popular Coca-Cola continha cocaína até o ano de 1903, quando o consumo da droga passou a ser ilegal. Na década de 1960, a maconha foi eleita como símbolo dos valores hippies, que enfatizavam a fruição passiva de prazeres sensuais e rejeitavam a competição agressiva (GUILHERME; SILVEIRA, 2012).

Popular nos EUA desde a década de 1980, o crack surgiu no Brasil em meados dos anos 1988, em bairros da periferia de São Paulo. A partir do ano de 1991, já podia-se observar a intensa procura pela substância na região central da cidade, principalmente no Bairro da Luz. Em 1993, houve um aumento do consumo expandindo para diversas áreas. O crack e a cocaína eram as principais drogas da região e as mais consumidas, em 1989 a prevalência do uso era de 5,2%, teve um aumento relevante em 1995 e 1997 para 65,1% (RAUPP; ADORNO, 2011).

Segundo Marcelo Medeiros (2016), o crack trata-se de uma droga ilícita que atua no sistema nervoso central – SNC. Ele é o composto da mistura de pasta base de cocaína com água e bicarbonato de sódio que, aquecida, dá origem aos cristais identificados como pedras de crack. É chamado por esse nome devido o barulho que faz ao ser queimado. Recebe destaque entre outras drogas, por causa da grande importância das consequências individuais, familiares e sociais relacionadas ao seu consumo que tem causado preocupação ao estado e a sociedade em geral

(ROCHA et al.,2015).

Por ser uma substância de fácil acesso e preço baixo, o crack causa dependência e danos físicos muito rápido prejudicando todas as classes sociais, principalmente as pessoas mais expostas como as de rua, crianças e adolescentes . Os dependentes do crack estão suscetíveis a apresentarem complicações a saúde, como alterações psicológicas, motoras e funcionais em vários órgãos. Assim como também pode sofrer alto risco de morte por overdose ou por conflitos com traficantes e policiais (GABATZ et al., 2013).

Apesar de todos os problemas graves que o crack tem causado no usuário, como a marginalidade, criminalidade, efeitos físicos e psíquicos destruidores, ainda assim, o consumo da droga tem aumentado no país (CARLINI et al., 2005). Segundo Guimarães Santos Freitas et al. (2008), a dependência química se tornou um problema de saúde pública e tem impedido os profissionais da saúde pública a entenderem o perfil dos usuários, diante das dificuldades de controle e abordagem do problema.

Especialistas da saúde, atualmente, definem o termo adicção como um padrão comportamental identificado pelo envolvimento avassalador no uso de uma substância, uma preocupação com seu fornecimento e uma grande possibilidade de recaída se a ela for interrompida, bem como o desenvolvimento de dependência física e psicológica da substância (STRAUB, 2003).

As fraquezas associadas ao consumo de crack, usualmente, terminam na dependência dessa substância, causando danos pulmonares, maior disposição para o HIV, hepatites, mortalidade, isolamento social, marginalização, violência, desgaste físico e psicológico, rompimento dos laços afetivos com a família, medo coletivo que contribuem para a diminuição de qualidade de vida, perda de esperança na vida e dificuldade de acesso aos serviços de saúde (RODRIGUES et al., 2012). Conforme Menendez (2012), a maioria desses fatores são intensificados em consequência das políticas proibicionistas que demandam pouco ou nenhuma intervenção terapêutica, mais focalizam na criminalização do usuário intensificando ainda mais a vulnerabilidade desse sujeito.

Karam (2012) salienta que o próprio crime do tráfico é mantido pela política proibicionista. Para ele, nega-se o valor de uso e o valor de troca inclusos nas drogas, reprimi-se o desejo por essas substâncias e punem aqueles que passam a trabalhar no mercado tornando ilícita a comercialização dessas mercadorias. Há

negação do reconhecimento do mercado dessas drogas como atividade econômica e sobre ela projeta-se uma interferência pública iatrogênica que apenas vem revertendo na oferta de suas mercadorias de maneira violenta, mais barata, danosa, mais acessível e mais heterogênea (LIMA; TAVARES, 2012).

De acordo com a relação que o indivíduo constrói com a substância e com as implicações e a forma do seu uso, padrões são caracterizados e identificados como: uso ocasional ou controlado; uso abusivo ou nocivo; e uso compulsivo ou dependência. O uso ocasional relaciona-se à manutenção de um uso regular, que não interfere com as atividades habituais do indivíduo. Já o uso abusivo refere-se ao padrão mal adaptado de uso manifestado por consequências adversas costumeiras e significativas. Por fim, a dependência ou o uso compulsivo é conhecida como uma síndrome comportamental na qual a droga adquiriu prioridade na vida do indivíduo (GUILHERME; SILVEIRA, 2012).

A dependência química atualmente tem sido um evento amplamente divulgado e debatido, visto que o uso abusivo de substâncias psicoativas tornou-se um sério problema social e de saúde pública em nosso meio. Ainda sim, falar sobre o consumo de drogas, principalmente sobre a dependência química, traz a tona indagações associadas de modo direto ao campo de saúde, que provocam uma inevitabilidade de realizar uma observação sobre esse fenômeno no campo das perspectivas sobre saúde e doença (PRATTA; SANTOS, 2009).

Conhecida também como um transtorno heterogêneo, a dependência química atinge pessoas de diferentes maneiras, e abrange tanto seus corpos físicos, quanto suas relações interpessoais por diversas razões e em diferentes meios e contexto. Os dependentes químicos se sentem excluído da sociedade e por não se sentirem acolhidos pela população, não compartilham da expectativa e desejo de abstinência com os profissionais da saúde e, consequentemente, não procuram atendimento (SILVA et.al, 2010).

As pesquisas neurofisiológicas apresentam que as drogas psicotrópicas empregadas de forma abusiva ativam a ação dopaminérgica em vias mesolímbicas, localizadas na área tegumentar ventral em núcleo accumbens que teria a função decisiva na instalação da dependência. Além de atuarem sobre as vias dopaminérgicas cada substância age também em outros neurotransmissores, o que faz com que outros tipos de drogas tenham efeitos diferentes (MARQUES; CRUZ, 2000).

A concepção de que a dependência do adicto é uma patologia enquadra-se em uma visão atual do dependente como doente, em que se destaca mais a substância psicoativa e a ligação que o indivíduo mantém com a droga, do que em situações múltiplas de relação com a família amigos, comunidade, num determinado meio sociocultural. Hoffmann e Ceboneb (2002), diante de suas pesquisas, enfatizam que distúrbios no uso de drogas psicoativas estão relacionados ao consumo de drogas pelos adolescentes com baixa autoestima, sintomas depressivos, eventos estressores no dia a dia, baixa coerência familiar e relacionamento com amigos que utilizam drogas (SCHENKER; MINAYO, 2003).

Conforme Vasconcelos et al. (2015), o processo de adoecimento do dependente químico é um dos fatores que influenciam no uso de drogas. Suas possíveis recaídas tem associação com a falta de conhecimento da família em lidar com a conduta do dependente, necessitando ela mesma também de acolhimento e assistência.

Desse modo, encontram-se muitos impasses para se alcançar o controle do consumo precoce de drogas no Brasil por diferentes pontos, como por exemplo a vasta extensão geográfica que dificulta um controle positivo nas fronteiras, possibilitando a passagem de drogas no País. Outra questão crucial é a propaganda de substâncias lícitas nos veículos de comunicação que, mesmo sem a finalidade, instigam o consumo (CAPISTRANO et al., 2013).

Segundo os autores Henrique, Rocha e Reinaldo (2016), se tratando do consumo de drogas entre crianças e adolescentes, é importante atentar para o aumento do consumo precoce de drogas socialmente aceitas como álcool, tabaco e a utilização de drogas design e do crack. Atualmente, o aumento do consumo do crack é um dos grandes desafios para uma realização de uma política mais ampla de atenção aos problemas relacionados ao uso de drogas no Brasil. Diante do que foi citado pelos autores, vale ressaltar que o consumo de drogas é preocupante na adolescência, pois estimulam as partes estruturais cerebrais responsáveis pela percepção e pelo controle de impulsos que ainda estão em desenvolvimento.

2.2 A construção da identidade de adolescentes adictos

A construção da identidade é integrada a partir das identificações sucessivas, que acontecem ao longo da vida, com as pessoas de referência para o indivíduo. Na relação que ocorre no meio familiar, cultural e social ao qual o sujeito pertence, as diretrizes e normas de uma sociedade vão sendo introjetadas desde a infância, formando o seu superego. A interação dos impulsos do id com as regras e valores do grupo social é que possibilita a continuidade do eu, alcançando o indivíduo a identidade adulta (GONÇALVES, 2008).

E assim, de acordo com Gonçalves (2008), a identidade vai se estruturando, ao longo processo do desenvolvimento, mediante as identificações que se dão primeiramente no âmbito das relações familiares, expandindo-se gradativamente para outros espaços sociais. Ainda segundo o autor, na adolescência, ocorre a ruptura da identidade infantil, e, por conseguinte, a busca de uma nova identidade com perfil adulto. No entanto, sendo uma identidade delicada, que está em busca de uma nova maneira de ser, o processo de auto-afirmação percorre todos os seus momentos de construção e está no centro dos conflitos, das incertezas e também dos sucessos dessa fase.

Conforme Erikson (1968), a mais importante tarefa do adolescente é a construção da identidade quando ele enfrenta a crise de identidade *versus* a confusão da identidade, ou confusão de identidade *versus* confusão de papel, de forma a se transformar em um adulto ímpar com uma ideia coerente de um cidadão com um papel reconhecido na sociedade (PAPALIA, 2013).

De acordo com as pesquisas de Marcia (1980) há quatro tipos de estado de identidade: realização de identidade, execução, moratória e difusão de identidade. Esses quatro tipos divergem de acordo com a presença ou ausência de crise e compromisso. Erikson via esses dois elementos como essenciais para a formação da identidade. Marcia definiu crise como tomada de decisão consciente e compromisso como investimento pessoal em uma função ou em um sistema de crenças (PAPALIA, 2013).

Desenvolvendo a teoria de Marcia (1993), pode-se dizer que a realização de identidade é caracterizada por um compromisso com as escolhas feitas pelo adolescente após uma crise, um período gasto na exploração de alternativas; a execução é o estado de identidade na qual um indivíduo não esteve numa crise, está

comprometida com os planos de outras pessoas para sua vida; o estado de identidade de moratória é quando um indivíduo está considerando alternativas, ou seja em crise e parece estar seguindo para um compromisso; e, por último, a difusão que é identificada por ausência de compromissos e falta de uma importância séria de alternativas, ou seja, nenhum compromisso, nenhuma crise (PAPALIA, 2013).

No processo de subjetivação de um adolescente, há caminhos sinuosos a atravessar na elaboração de questões cruciais na resolução de tarefas próprias dessa fase. É nesse período que o adolescente perde a segurança do amor que era garantido à criança e ao mesmo tempo não tem o reconhecimento como um indivíduo adulto. Diante dessa fase de aquisição e mudança de papéis, o adolescente procura afirmar uma identidade pessoal autônoma, que se representara sobre a formação de novos hábitos de condutas e modelos de socialização (SCHNEIDER; RAMIRES, 2007).

Freitas (2002) salienta que a adolescência é um momento importante da vida do homem e estabelece a etapa como decisiva de um processo de altruísmo que começou com o nascimento. As mudanças psicológicas que formam neste período são relacionadas com as variações corporais, influência a uma nova relação com os pais e o mundo. Todavia, isso é possível e se estabelece de forma lenta e estreitamente, o luto pelo corpo infantil, bidentidade infantil e pela relação com os pais no período da infância.

Alguns dos adolescentes não tem conhecimento ou não percebem os perigos do consumo de drogas e seus efeitos danosos, conforme abaixo:

Os prejuízos provocados pelas drogas podem ser agudos (durante a intoxicação ou 'overdose') ou crônicos, produzindo alterações mais duradouras e até irreversíveis. O uso de drogas por adolescentes traz riscos adicionais aos que ocorrem com adultos em função de sua vulnerabilidade. Todas as substâncias psicoativas usadas de forma abusiva produzem aumento do risco de acidentes e da violência, por tornar mais frágeis os cuidados de autopreservação, já enfraquecidos entre adolescentes. Estes riscos ocorrem especialmente com o uso de álcool, a droga mais utilizada nesta faixa etária. O álcool pode causar intoxicações graves, além de hepatite e crises convulsivas (MARQUES, 2000, p 2).

Ou seja, os prejuízos causados pelo uso abusivo de substâncias psicoativas são devastadores, e podem perdurar da adolescência até a fase adulta. A droga consumida de forma abusiva priva o indivíduo de manter uma rotina em sua vida, como estudar, trabalhar e se relacionar com familiares e amigos. Além de colocar a

vida do adolescente em risco com comportamentos e atitudes violentas.

Sabino (2005) retrata que as preferências e as atividades realizadas pelos indivíduos na adolescência passam por alterações no que se refere aos momentos de lazer. Nesta fase o adolescente quer sair sozinho com os amigos, frequentar ambientes diferentes, ter horários variados para praticar atividades. Deste modo, na última década, tem-se dado muita ênfase nas atividades desenvolvidas pelos adolescentes, por estarem sujeitos a utilização de substâncias psicoativas e consequentemente a dependência química (CORDEIRO et al.,2012).

Segundo Silber e Souza (2007), um dos mais importantes fatores que incentivam o consumo de substâncias psicoativas é a influência do grupo de iguais. Assim, é importante se atentar ao comportamento desses grupos, visto que demonstraram a grande possibilidade de todos estarem desenvolvendo um mesmo comportamento ou inspirando uns aos outros, tanto para consumir as drogas como para rejeita-las (RAMOS; ANDRADE, 2010).

Desta forma, o grupo de iguais estabelece um contexto de socialização e uma importante fonte de apoio. Hipoteticamente, pode haver uma certa compensação nas relações com os iguais dos jovens que encontram um menor apoio emocional em sua família ou que não possuem bom relacionamento com os pais, isto é, aqueles jovens podem criar laços mais estreitos com seus companheiros, passando a tratá-los como familiares (SCHNEIDER; RAMIRES, 2007). Senna e Dessen (2012) salientam que a medida que o adolescente passa a envolver-se em ambientes fora do seu contexto familiar, torna-se evidente a formação de novas influências.

O método de identificação com o grupo de companheiros é tão forte que ultrapassa, muitas vezes, a influência do grupo familiar. Necessitando romper os laços com a família para obter autonomia, o adolescente dá grande ênfase aos valores e atitudes de grupos de iguais. Isso ajuda o adolescente a analisar valores e atitudes expressos pelos pais e outras pessoas do seu convívio, percorrendo em direção a uma interpretação própria. Concomitantemente, o grupo propicia uma medida realista das suas habilidades e capacidades, o que leva à construção de um autoconceito positivo ou não, influenciando na sua auto-estima. As vivências nesse grupo são de grande relevância para a crítica e um novo sentido dos valores veiculados em sua cultura e para um alcance de identidade adulta (GONCALVES, 2008).

O consumo prematuro de substâncias psicoativas é capaz de levar o jovem a

romper com seu desenvolvimento normal, arriscando-se ao perigo de passar do uso experimental para a dependência. Também pode precipitar implicações e prejuízos associados com problemas de saúde, sanções legais, conflitos familiares e sociais, afastamento de escola, sentimentos de culpa e ansiedade (BITTENCOURT; FRANÇA; GOLDIM, 2015). Neste sentido, pode-se afirmar que a fase da adolescência é primordial para a formação de um adulto autônomo e com competências psicossociais bem elaboradas, pois, como afirmam Eaton et al.,

A adolescência oferece oportunidades para o crescimento não só em termos de dimensões físicas, mas também em competência cognitiva e social, autonomia, autoestima e intimidade. Os jovens que têm relações de apoio com os pais, a escola e a comunidade tendem a desenvolver – se de forma positiva e saudável (YOUNGBLADE et al., 2007). Entretanto, os adolescentes enfrentam hoje riscos ao seu bem-estar físico e mental que incluem altas taxas de mortalidade por acidentes homicídio e suicídio (EATON et al., 2008, p 387).

Outro fator importante sobre os adolescentes é que por ser uma fase de questionamentos e mudanças, os adolescentes se tornam vulneráveis a situações de risco, como por exemplo o uso de substâncias psicoativas. Entretanto, para que o adolescente não se envolva com algum tipo de droga lícita ou ilícitas, a família deve dar um suporte total de orientação e informação em parceria com a escola para que o adolescente possa trilhar nesse período de maneira positiva e com uma boa saúde mental e física.

Lira (2009) retrata que, na fase da adolescência, a reconstrução identitária de ressignificação da relação do adolescente com o grupo familiar, e social e de integração de novos modos de comunicação é natural que o sujeito deixe de viver suas experiências por meio de imitação, como acontece na infância. O adolescente é diferenciado quando ele cria novo sistema de comunicação, precisamente, autonomia pessoal. Desse modo, o nível de autonomia na construção de seu ser no mundo diminui quando o indivíduo mantém uma dependência financeira de seus pais (ACOSTA; VITALE, 2010).

O progresso do desenvolvimento positivo do jovem vai requerer, primeiramente, a identificação de seus recursos pessoais como talentos, energias e interesses construtivos e, depois, a construção de programas específicos de estimulação dessas qualidades. Segundo Lerner (2004), o sucesso desses elementos depende de três fatores fundamentais: uma relação positiva e sustentável

com adultos; atividades direcionadas ao desenvolvimento de suas habilidades; a participação do jovem em todas as diretrizes e aspectos do programa. Lerner e Overton (2008) reforçam a necessidade de entendê-los melhor, oferecendo suporte e mais oportunidades de potencializarem um desenvolvimento saudável e positivo (SENNA; DESSEN, 2012).

2.3 Impacto das drogas entre pais e filho

De acordo com as pesquisas de Liddle et al. (1998), os pais tem uma grande influência sobre os filhos adolescentes, mesmo que neste período o grupo de amigos sejam muito importante. O atrito intenso entre pais e adolescentes interfere no desenvolvimento da identidade desse indivíduo em formação, a mudança positiva para a adolescência se realiza por meio da negociação de modificações nas relações entre pais e filhos em busca de independência. No momento em que isto acontece o adolescente conseguirá se afastar dos pais de maneira adversa para almejar o controle da sua autonomia. Desta maneira, um dos fundamentais objetivos das interferências baseadas na família com adolescentes usuários de drogas devem ser o da reestruturação do vínculo emocional dos pais em relação ao adolescente, de maneira a atender às necessidades de todos (SCHENKER; MINAYO, 2003).

No âmbito da relação pais-filhos, Bowlby (1990) determina o comportamento de vinculação como qualquer modo de comportamento exposto pela criança que tem como principais funções a manutenção da proximidade desta com os pais, a proteção do perigo e o estímulo de um sentimento de segurança. Os fatores que contribuem para ativação dos comportamentos vinculativos são a fome, situações desconhecidas, ausência do cuidador e desativar-se quando a criança sente e tem o conhecimento de que a figura de vinculação está à disposição com responsabilidade, oferecendo um sentimento de segurança. No processo da adolescência, o valor representacional adquire igualmente um valor central no método de vinculação: o pensamento e a linguagem representam meios privilegiados de manter a proximidade e um sentimento de confiança com a figura de vinculação (BALTASAR; COSTA, 2015).

As famílias com filhos adolescentes vivenciam uma mudança dos vínculos infantis de relacionamento por um tipo de relação mais madura e autônoma.

Conforme as pesquisas de Kalina et al. (1999), a fase do ciclo vital que geralmente se inicia com o uso de substâncias psicoativas é aquela em que os filhos passam pela fase da adolescência já que procuram maior independência e liberdade ao mesmo tempo que começam a se desligar aos poucos da família de origem (PAZ; COLOSSI, 2013).

De acordo com Papalia (2013), os adolescentes sentem a aflição entre a dependência dos pais, indispensabilidade de se libertar, da mesma forma que os pais querem que os filhos se tornem independentes, no entanto vivem o dilema de deixá-los partir. Os pais vivem no impasse entre dar suficiente autonomia aos adolescentes e protegê-los de erros e questionamentos provenientes da imaturidade. De fato, é fundamental estabelecer uma relação com os filhos na qual a colocação de regras seja necessário para o seu bem-estar. Dessa forma é fundamental negar algumas vezes a satisfação de desejos, quando estes não promovem crescimento pessoal (LIPP et al., 2014).

Principalmente porque um ambiente familiar desestruturado pode motivar adolescentes para o consumo de substâncias psicoativas, isto é, aquelas nas quais existe um andamento patológico com relação à comunicação, estabelecimento de regras e limites, falta de afeto e respeito, descontentamento com a família, na qual não existe espaço para exteriorizar sentimentos, ideias e opiniões. Conforme Osório (2009), o afeto é um fator fundamental para a constituição/reconstituição dos parâmetros familiares e o diálogo como qualidade mais importante para a preservação das relações familiares entre todos os subsistemas (ZACHARIAS et al., 2011).

Por isso, os pais devem se preparar para cuidar dos filhos. Em relação às drogas, é essencial que eles tenham um conhecimento sobre o assunto e que o diálogo seja franco, evitando desconversar. Se os pais se sentirem inseguros em relação às dúvidas dos filhos, é importante ser autêntico e mencionar que irão buscar as respostas. Toda informação transmitida aos jovens deve ser correta sobre os efeitos e consequências. A família deve oferecer acolhimento, desenvolvendo um ambiente de respeito e amor (LEITE, 2015).

Deste modo, entende-se que um relacionamento positivo entre pais e filhos pode ter um caráter preventivo na adesão às substâncias psicoativas pelos adolescentes e colaborar para um bom resultado no tratamento daqueles que já fazem o uso de drogas. Adolescentes que recebem apoio dos cuidadores

demonstram tendência na diminuição do uso de drogas. Em compensação, jovens com uma ligação fraca com a família e que convivem em um clima familiar não agradável têm maior facilidade para o consumo (CERUTTI; DE LIMA ARGIMON, 2015).

Kobac e Mandelbaum (2003) reforçam que a família precisa alargar a capacidade de tolerar e resolver os conflitos, sem permitir a ruína das individualidades. Adolescentes que vivem em ambientes onde se permite distinções e peculiaridades tendem a construir um senso de si e a capacidade para as relações de intimidade, mais do que aqueles que vivem em ambientes inflexíveis e punitivos. Isto é, se os pais podem continuar amando durante o processo de individuação, os adolescentes mantêm o senso de sentirem-se afáveis ao alcançar a individualidade. Quando podem expressar raiva e tristeza em relação aos pais, podem se desenvolver de forma autônoma, sem enfraquecimento dos vínculos entre pais e filhos (MACEDO; CARVALHO, 2019).

Os conflitos familiares que geram sofrimento emocional são outro aspecto importante. O alto nível de tensão entre pais e filhos causa um distanciamento na relação do adolescente com seus familiares, acarretando uma maior possibilidade da aproximação com os grupos de pares que fazem o uso de substâncias psicoativas com o propósito de compensar o vazio deixado pela família. Além disso, a agressividade no ambiente familiar pode impulsionar o adolescente a deixar seus lares e a se envolver em situações de vulnerabilidade, o que possibilita o contato maior com as drogas (CERUTTI; DE LIMA ARGIMON, 2015).

Bronfenbrenner (1979; 1996) enfatiza três atributos que formam as relações no âmbito familiar: a reciprocidade, o equilíbrio de poder e o afeto. Diante de qualquer relação o que uma pessoa faz interfere na outra e vice versa, caracterizando reciprocidade. Diante destes elementos, várias pesquisas têm salientado a importância da interação entre pais e filhos e das práticas educativas utilizadas pelos genitores sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes. O afeto é de suma importância para o desenvolvimento do indivíduo, quanto mais positivas e calorosas forem as relações em um ambiente familiar maior a chance dos processos evolutivos ocorrerem de forma adequado (PRATTA; SANTOS, 2006).

O jovem que se sente amado vivencia maior liberdade para ser o que é, para aproveitar e buscar sua autonomia, pôr à prova sua competência, fazer escolhas e cometer erros. Isto não significa que nesta relação de amor entre pais e filhos não

deva existir hierarquia e autoridade, pois os pais que amam são também aqueles que expressam a lei, as regras e os limites. Diante disso, para que a criança e o adolescente se desenvolvam de formam saudável, com o reconhecimento e respeito pelo outro, e que vivam com responsabilidade social, é preciso que os pais e cuidadores, como figuras de proteção, cuidado e autoridade estejam presentes em suas vidas (PEREIRA; ENI, 2013)

As experiências do convívio familiar, correlacionadas aos sentimentos, à educação para a autonomia e para compreensão dos limites, às experiências de liberdade e de responsabilidade são fatores de grande importância que contribuem para a proteção dos jovens, quanto à maneira de se conectarem com as ofertas químicas de prazer, liberdade e autossatisfação. Todavia, não existe um padrão eficiente para prevenir o abuso de drogas; o que existe são diferentes alternativas de se constituírem relações singulares no âmbito da cidadania e da saúde, atento na produção do respeito, sentido de pertencimento e amparo (HERMETO et al., 2010).

Sobre o âmbito familiar, o adoecimento dos filhos afeta extremamente a autoestima dos pais, uma vez que revela que houve falhas no sistema familiar. A comprovação de uma doença pode causar desequilíbrio em toda estrutura familiar, acarretando uma quebra do vínculo entre os seus membros, que são levados a vivenciar extrema transformação em suas vidas. Nessa circunstância, tornam-se comuns os problemas emocionais, a depressão, o sentimento de medo e as inseguranças em relação ao tratamento. Além do mais, surgem preocupações com a condição financeira, ocasionando uma quebra da rotina e uma sobrecarga familiar (MEDEIROS et al., 2013).

Outro aspecto que Faleiros (2005) retrata é a rejeição por parte da família ao usuário de drogas. Essa rejeição pode resultar em enfraquecimento afetivo e perda de poder e de patrimônio, o que pode provocar fracassos de ordem moral, familiar, social, financeiro e físico para todos os envolvidos. Coelho (2006) chama atenção para a cristalização de valores e modelos de conduta instruídos na família. Para ele, relacionamentos pautados por princípios éticos, morais e afetivos podem ser o ponto de partida para a redução de conflitos familiares e para superação de problemas relacionados ao abuso de drogas (BRAUN et al., 2014).

Desta forma, quando se tratar de buscar alternativas de lidar com a prevenção e tratamento da drogadição na adolescência, a relação entre pais e filhos deve receber uma atenção maior. Os pais precisam estar próximos dos filhos, mostrar

interesse sobre a vida escolar e sobre as amizades deles. Também é fundamental que no ambiente familiar busque-se um clima afetivo que propicie sentimento de segurança e satisfação aos filhos, sendo o diálogo fundamental (CERUTTI et al., 2014).

É importante salientar que o afastamento gradual do adolescente em relação aos pais não pode ser entendido como consequência de qualquer conflito geracional. Mesmo que os pais deixem de ser as figuras primordiais de vinculação, é importante perceber que não deixam de ser, no seu íntimo, figuras de vinculação principais. Independentemente das novas relações próximas que o adolescente construa, será sempre o modelo relacional que obteve da vinculação da infância a orientar esse processo (ANASTÁCIO, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que ao longo da duração deste estudo muitas foram as percepções no âmbito da temática discutida. Toma-se a família, como base de atenção, porque compreende-se que ela tem o papel protetor como também é facilitadora dos comportamentos de risco dos filhos, inclusive do abuso de drogas e de uma possível dependência. A família exerce o papel protetor quando há compreensão dos limites e as regras são bem definidas, na falta desses fatores, ou seja, em um ambiente dominado por conflitos e falta de critérios no estabelecimento de regras, existe aí fatores que contribuem para o envolvimento de situações de risco.

Não se procura afirmar com este estudo que a família é a única influência para o desenvolvimento da dependência química. O objetivo do mesmo é enfatizar que as relações familiares é uma questão importante que não se pode ser deixada de lado quando se aborda esse tema, seja no âmbito do tratamento ou mesmo na prevenção. Essa relações são importantes principalmente na adolescência onde o jovem atravessa esse período da vida com muito sofrimento em consequência das perdas sucessivas que ocorrem em seu corpo infantil, no seu mundo interno e na qualidade de suas relações consigo mesmos e com as pessoas do seu convívio.

Nesta pesquisa foi possível perceber que o uso abusivo de substâncias psicoativas, principalmente o crack, causa rompimentos de vínculos familiares, pois conviver em um ambiente aterrorizado pela droga provoca uma grande chance de afetar outros indivíduos do convívio diário de relacionamento a consumirem também. Além da perda de confiança e quebra de vínculos familiares, a continuidade dos relacionamentos parentais, tornam-se cada vez mais difíceis na proporção em que o usuário tem a tendência de substituir o relacionamento em sociedade pelo relacionamento com a droga.

Vale salientar que é fundamental considerar o fato de as drogas serem usadas no intuito de promover alívio às angustias e que em muitos casos elas também servem como um subterfúgio para dar sentido àquelas pessoas que não possuem qualidade de vida, que não tem dignidade de cidadão respeitada pela sociedade. Deste modo, é importante destacar que o cenário que os pais oferecem para os filhos tem uma influência significativa para as mudanças de comportamentos ou resolução de problemas.

No decorrer do trabalho pôde-se perceber que a família não é apenas vítima do usuário de drogas, pois a abordagem dela de forma sistêmica traz a compreensão de que todos os indivíduos influenciam e são influenciados, assim tanto a família pode ser protetora quanto motivadora do uso de substâncias psicoativas pelos filhos. Nota-se a importância da participação de pais e/ou cuidadores desde a motivação para o uso de drogas, como também para que o indivíduo procure tratamento. A participação da família é importante até mesmo no processo terapêutico.

Deste modo, pode-se identificar a necessidade de estabelecer um olhar diferenciado para os pais que não sabem como auxiliar os filhos em situações de conflito, principalmente diante de situações como o uso de substâncias psicoativas. Pois nem toda família é capaz de proporcionar ânimo e um acolhimento adequado diante das crises, principalmente se as relações estabelecidas forem precárias e insatisfatórias. Dentro desta perspectiva, deve ser dada ênfase no atendimento familiar devido a maior propensão de fatores de fragilidade e de risco, bem como o mapeamento dos fatores de proteção presentes na família.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, S. **Estudo da relação entre a empatia e a vinculação aos pais e aos pares na adolescência**. 2013. 15 f. Dissertação de (Mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2018

BITTENCOURT, A. L. P.; FRANÇA, L. G.; GOLDIM, J. R.; Adolescência vulnerável: fatores biopsicossociais relacionados ao uso de drogas. **Revista bioética**, v. 23, n. 2, p. 311-319, 2015.

BIROCHI, R.; Metodologia de estudo e de pesquisa em Administração. Florianópolis: **Departamento de Ciências da Administração/ UFSC**; Brasília: CAPES: UAB, 2015.

BRAUN, Lori Maria; ZANON, Letícia Lovato Dellazzana; HALPERN, Silvia C. A família do usuário de drogas no CAPS: um relato de experiência. **Revista da SPAGESP**, v. 15, n. 2, p. 122-144, 2014.

BROECKER, C. Z.; JOU, G. I. de; **Práticas educativas parentais: a percepção de adolescentes com e sem dependência química**. Psico-USF, v. 12, n. 2, p. 269-279, 2007.

CAPISTRANO, F. C.; et al. Perfil sociodemográfico e clínico de dependentes químicos em tratamento: análise de prontuários. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 234-241, 2013.

CARVALHO, A. V. S. R. D., Queiroz, L. S. D., & Bergamo, F. V. D. M. (2017). Consumo Adolescente: Construindo a Identidade de Jovens Brasileiras. **Revista Brasileira de Marketing**, 16(1), 68-82.

CECCONELLO, A. M.; ANTONI, C. de; KOLLER, S. H.; Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em estudo**, v. 8, n. spe, p. 45-54, 2003.

CERUTTI, F; DE LIMA ARGIMON, I.I. Relacionamento pais e filhos e as implicações no uso de substâncias psicoativas: uma revisão sistemática. **Perspectivas em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 57-65, 2015.

CERUTTI, Fernanda et al. **O uso de substâncias psicoativas na adolescência e a relação com as atitudes parentais**. 2014. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/848>. Acesso em: 29.maio.2020

COUTINHO, G. C.; TAVARES, J.; REIS, V. P.; **Criança e adolescentes e o convívio com pais em uso abusivo de álcool e outras drogas**. Vitória – ES. 2017. Disponível em http://www.emescam.br/arquivos/ensino-tcc/Servico_Social/09_VERONIQUE-Jeane-e-Geisiane.pdf. Acesso em: 18. Nov.2019.

GRAEFF, F.G.; GUIMARAES, F.S.; **Fundamentos de Psicofarmacologia**. 2º.ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

GABATZ, R. I. B.; et al. **Percepção dos usuários de crack em relação ao uso e tratamento**. Brasil 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rngenf/v34n1/18>.

Acesso em 15. out.2019

GIL, A. C.; **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONCALVES, M.A.S.; **Escola, adolescência e construção da identidade**. 2008
Disponível em: <http://www.brasa.org/wordpress/Documents.Ijuí>: Ed.Ijuí 173- Acesso em 11/03/2020.

HENRIQUES, B. D.; ROCHA, R. L.; REINALDO, A. M. dos S. Uso de crack e outras drogas entre crianças e adolescentes e seu impacto no ambiente familiar: uma revisão integrativa da literatura. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 25, n. 3, e1100015, 2016.

HERMETO, E. M. C.; SAMPAIO, J. J.C.; CARNEIRO, C.; Abandono do uso de drogas ilícitas por adolescente: Importância do suporte familiar. **Revista Baiana Saude Publica Miolo**. v.34, n.3, p.639-652 jul./set. 2010.

LESSA, C.E.; et al. Perfil Dos Adolescentes Usuários de Substâncias Psicoativas em Um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Na Cidade Do Recife. **Revista de Trabalhos Acadêmicos Brasil** Campus Nitéroí, v.0, n0, 2013.

LEITE, Luana Karla Lopes. Um estudo sobre a prevenção do uso de drogas na adolescência. **Caderno Discente**, Recife, v. 2, n. 1, 2015.

LIPP, M.; TRICOLI, V.; **Relacionamentos Interpessoais no século XXI e o Stress emocional**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014; 240p.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S.; O adolescente e o uso de drogas. **Revista brasileira de psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 32-36, 2000.

PAPALIA, D.E.; MARTORELL, G.; **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre – 12.ed, Amgh editora Ltda. 2013

PAZ, F. M.; COLOSSI, P. M.; Aspectos da dinâmica da família com dependência química. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 4, p. 551-558, 2013.

PEDROSA, S. M.; et al . A trajetória da dependência do crack: percepções de pessoas em tratamento. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília , v. 69, n. 5, p. 956-963, outubro de 2016.

PEREIRA, S. E. F. N.; ENI, F. N. Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: Articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. **Aconchego**, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2013.

PIANA, M. C.; **A pesquisa de campo. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP, São Paulo: Acadêmica, 2009.

PRATTA, E. M. M.; et al. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 203-211, 2009.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos.; Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 3, p. 315-322, 2006.

RAMOS, J. T.; ANDRADE, E. C. de. **A adolescência e a experiência relacionada à sexualidade e as drogas: Uma pesquisa com adolescentes do município de Turvo-SC**. 2011. Disponível em: http://www.academia.edu/download/38356507/0.575217001296753502_adolescencia_sexualidade_e_drogas.pdf. Acesso em 15.nov.2019.

RAUPP, L.; ADORNO, R. de C. F..; Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 2613-2622, 2011.

ROCHA, M. M. M.; **O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso**. 2008. Brasil 2018. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22939/2/29755.pdf>. Acesso em:16.nov.2019

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. de S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, p. 299-306, 2003.

SILVA, K. L.; da et al. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 14, n. 3, p. 605-610, 2010.

SILVEIRA, C. et al. Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 52, n. 5, p. 349-354, 2003.

TAVARES, P.; LIMA, R.C.C. Desafios recentes às políticas sociais brasileiras sobre as drogas: enfrentamento ao crack e proibicionismo. **Argumentum**, V.4, n.2,p. 6-23 julio – diciembre.2012 Universidade Federal do Espírito Santo Vitória, Brasil.

TAVARES, P.; et al. Desafios recentes às políticas sociais brasileiras sobre as drogas: enfrentamento ao crack e proibicionismo. **Argumentum**, v. 4, n. 2, p. 6-23, 2012.

VERGARA, S. C.; **Projetos e relatório de pesquisa em Administração**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1998.

VIEIRA, P. C.; et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, p. 2487-2498, Nov. 2008.